

### **Eixo Temático**

#### **6. História das Instituições Escolares no Campo**

### **Título**

## **PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO AMAPÁ: UM ESTUDO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO PACUI**

### **Autor**

Vitor Sousa Cunha Nery

### **Instituição**

Universidade do Estado do Amapá

### **E-mail**

vitorcunhanery@yahoo.com.br

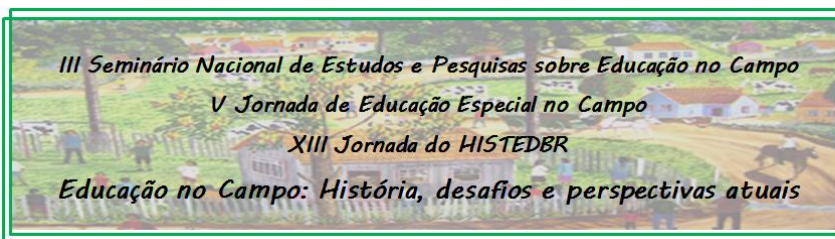
### **Palavras-chave**

Pedagogia da Alternância; Amapá; Escola Família e Agrícola do Pacui

### **Resumo**

Este estudo tem como objetivo compartilhar a experiência da Pedagogia da Alternância utilizada na Escola Família Agrícola do Pacui – EFAP, localizada na comunidade de São Joaquim do Pacui, na Rodovia Macapá/Cútiás no estado do Amapá-Brasil. Essa escola foi criada em 1989 por voluntários religiosos italianos a partir da articulação da Diocese de Macapá com a Ong italiana (Associação dos Amigos do Espírito Santo-AAES) que tinha como objetivo implementar projetos sociais em países sul americanos, diante disso foi celebrado um convênio entre a AAES e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá- SINTRA, que culminou com a criação da EFAP. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental realizada em livros, revistas científicas, monografias de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutorado e documentos oficiais da Escola Família Agrícola do Pacui, como por exemplo, o seu Projeto Político Pedagógico. O sucesso da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola do Pacui dá-se pelo envolvimento das famílias, comunidades e ex-alunos nas atividades que ela desenvolve, a fim de buscar a melhoria da qualidade de vida dos alunos da zona rural do estado do Amapá. Portanto, afirmamos que a Pedagogia da Alternância utilizada na Escola Família Agrícola do Pacui, contribui efetivamente para a melhoria da qualidade de vida dos alunos, da família e da comunidade em que estão inseridos. Além do mais, a eficácia da aprendizagem da metodologia adotada pela Pedagogia da Alternância dá-se por meio da indissociabilidade entre teoria e prática.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



## Texto Completo

O contexto no qual emerge a proposta educacional intitulada Pedagogia da Alternância tem sua origem em 1935 na França, na localidade de Serignac-Peboudou, com um pequeno grupo de agricultores insatisfeitos com o sistema educacional de seu país, o qual não atendia as especificidades de uma educação para o meio rural.

Esse grupo de agricultores enfatizava a necessidade de uma educação escolar que atendesse às particularidades psicossociais dos adolescentes e que também propiciasse, além da profissionalização em atividades agrícolas, elementos para o desenvolvimento social e econômico da sua região (GIMONET, 2007).

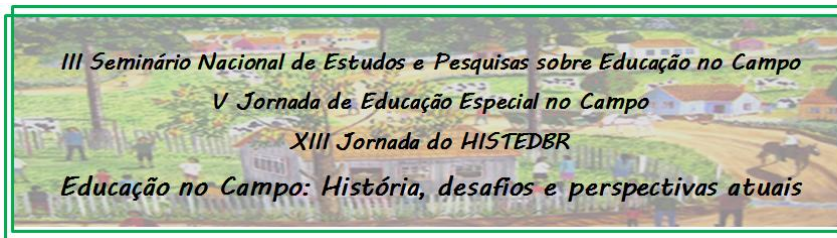
No ensino organizado por esses agricultores, com o auxílio de um padre católico, alternavam-se em dois tempos: num primeiro momento em que os jovens permaneciam na escola que funcionava no espaço cedido pela paróquia e no tempo em que estes ficavam na propriedade familiar.

No tempo na escola, o ensino era coordenado por um técnico agrícola, já no tempo na família, os pais se responsabilizavam pelo acompanhamento das atividades dos filhos. A idéia básica era conciliar os estudos com o trabalho na propriedade rural da família.

Dessa forma, surge como uma proposta pedagógica a alternância de estudos na tentativa de ser uma proposta de educação mobilizadora, capaz de incentivar os jovens a irem à escola, sem terem que deixar o campo e a família.

Durante os anos 60, surgiram Escolas Famílias na Itália, Espanha, Norte da África, Argentina e Brasil. No Brasil a primeira experiência com a pedagogia da alternância foi com a implantação de uma escola agrícola-EFA no Estado do Espírito Santo em 1968, pelo padre jesuíta Umberto Pietrogrande (NOSELLA, 2012).

No Amapá o surgimento das Escolas Família Agrícolas, se deu através de discussões entre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Diocese de Macapá, que buscavam a melhoria da educação do homem do campo, para isso alguns voluntários Italianos, foram trazidos para o Amapá, como por exemplo, o padre Sandro Rigamonti, que contribuiu com a implantação da Associação de agricultores da região do Pacuí no



ano de 1988, e com a criação da primeira escola família agrícola do Amapá no ano de 1989, a escola família agrícola do Pacuí-EFAP (SOUZA, 2003; NASCIMENTO 2005).

Metodologicamente este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Marconi e Lakatos (1991), o objetivo da pesquisa bibliográfica é aproximar o autor da pesquisa com os conhecimentos que foram escritos sobre um assunto específico. De acordo com Rodrigues e França (2010), a pesquisa documental é realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem passar por novas análises, de acordo com o objetivo da pesquisa.

Neste sentido, foram consultados livros, revistas científicas, monografias de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutorado e documentos oficiais da Escola Família Agrícola do Pacuí, como por exemplo, o seu projeto político pedagógico. Na seqüência realizou-se uma análise do material bibliográfico coletado, dando-se ênfase a experiência da Escola Agrícola do Pacuí na utilização da Pedagogia da Alternância.

Este texto está organizado em três tópicos, a saber: no primeiro conceituamos Pedagogia da Alternância na visão de vários autores. No segundo apresentamos como acontece na prática a Pedagogia da Alternância nas Escolas Famílias Agrícolas. E por fim apresentamos a experiência da Escola Família Agrícola do Pacuí-EFAP, na utilização da Pedagogia da Alternância no contexto amazônico, mais especificamente no estado do Amapá.

### **Pedagogia da Alternância**

A Pedagogia da Alternância vem sendo usada na formação de jovens e adultos do campo, visto ser esta uma proposta pedagógica e metodológica capaz de atender as necessidades da articulação entre escolarização e trabalho, propiciando a esses indivíduos o acesso à escola sem que tenham que deixar de trabalhar (CORDEIRO; REIS e HAGE 2011).

Assumindo o trabalho como princípio educativo, a Pedagogia da Alternância permite aos jovens do campo a possibilidade de continuar os estudos e de ter acesso aos

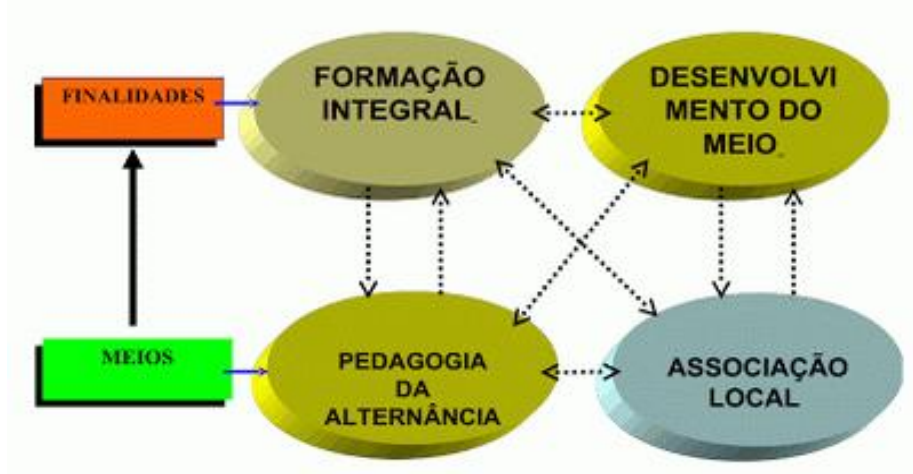
conhecimentos científicos e tecnológicos não como algo dado por outrem, mas como conhecimentos conquistados e construídos a partir da problematização de sua realidade, que passa pela pesquisa, pelo olhar distanciado do pesquisador sobre o seu cotidiano.

Segundo Begnami (2004), o conceito de alternância vem sendo definido, entre muitos autores, como um processo contínuo de aprendizagem e formação na descontinuidade de atividades e na sucessão integrada de espaços e tempos. A formação inclui e transcende o espaço escolar, e, portanto, a experiência torna-se um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes em que o sujeito assume seu papel de ator protagonista, apropriando-se individual e coletivamente do seu processo de formação.

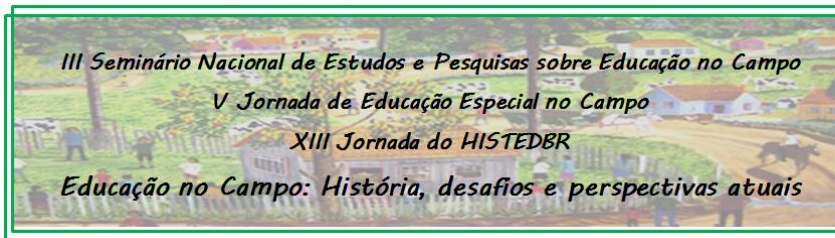
Assim, a Pedagogia da Alternância passa a ser entendida como uma metodologia que favorece o acesso e a permanência dos jovens e adultos do campo nos processos escolares, antes dificultada por sua característica seriada e estanque, sem articulação com a realidade e os modos de vida rural.

De acordo com Gimonet (2007, p. 15), a Pedagogia da Alternância está fundamentada em quatro pilares, dois pilares da ordem das finalidades que buscam a formação integral (projeto pessoal) e o desenvolvimento do meio (socioeconômico, humano, político, etc.). E dois pilares da ordem dos meios que buscam a associação (pais, famílias, profissionais) e a alternância.

**Figura 1-** Pilares da Pedagogia da Alternância.



Fonte: Unefab (2015).



O primeiro pilar é a associação que podemos compreender como um agrupamento de pessoas ou entidades, que com um propósito próprio, se unem para obter finalidades temporárias ou perpétuas (culturais, econômicas, assistenciais, científicas etc.) de forma conjunta, superando os interesses individuais, criando sinergias e assegurando autonomia filosófica e gerencial. Ou seja, presença efetiva das famílias.

O segundo pilar é a alternância, uma metodologia pedagógica específica a Alternância Integrativa, alterando momentos no ambiente escolar e momentos no ambiente familiar comunitário, organizados em três etapas sucessivas:

- 1- Observar/pesquisar (meio sócioprofissional).
- 2- Refletir/aprofundar (meio escolar).
- 3- Experimentar/transformar (meio sócioprofissional).

Assim a Pedagogia da Alternância se torna a pedagogia do interesse e do concreto, em que a formação se desenvolve a partir da realidade específica de cada jovem e na troca de experiências com os colegas, famílias, monitores e outros atores envolvidos.

O terceiro pilar é a formação integral da pessoa, pois considera o ser como um todo. Além da formação geral e profissional leva em consideração todas as dimensões da pessoa humana, buscando descobrir, valorizar e desenvolver as capacidades de cada jovem, num tratamento personalizado, através do espírito da iniciativa, criatividade, trabalho de grupo, senso de responsabilidade e de solidariedade, ajudando a construir o Projeto de Vida / Profissional junto com a família e o meio em que vive.

O quarto e último pilar é o desenvolvimento local, que se realiza por meio da formação dos jovens, suas famílias e demais atores envolvidos, tendo como enfoque principal o fortalecimento da agricultura familiar e inserção profissional e empreendedora dos jovens no meio rural.

O sucesso da Pedagogia da Alternância só acontece se estes quatro pilares forem desenvolvidos e aplicados conjuntamente.

Na Pedagogia da Alternância encontramos vários instrumentos pedagógicos, a saber; Plano de Estudo; Estágio; Colocação em Comum; Tutoria; Coletivos de Jovens;

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Visita à Família e Comunidade; Visita e Viagem de Estudo; Serão de Estudo; Colaboração Externa; Cadernos Didáticos; Fichas de Trabalho; Atividade de Retorno-experiências; Projeto do Jovem Empreendedor Rural; Avaliação semanal; Avaliação formativa e o chamado ‘Caderno de Vida ou Caderno da Realidade’, este permite aos filhos dos agricultores “observação e análise direta da prática agrícola e estabelecer um elo entre a experiência, da vida familiar, social e o período escolar” (GIMONET, 2007, p. 32).

O Plano de Formação visa garantir a implementação organizada da alternância, estrutura o percurso formativo. “A formação alternada supõe dois programas de formação: o da vida e o da escola. O primeiro oferece conteúdos informais e experiências, e o segundo conteúdos formais e acadêmicos” (GIMONET, 2007, p. 70). O Plano de Formação tem o objetivo de reunir estas duas lógicas.

Quatro são as finalidades da Pedagogia da Alternância: “1) orientação; 2) adaptação ao emprego (suprir a inadequação entre formação e emprego); 3) qualificação profissional (construir uma identidade profissional duradoura); 4) formação geral (permitir o mesmo acesso ao prosseguimento dos estudos através do ensino tradicional)” (GIMONET, 2007, p. 119).

A alternância articula processos de “formação (capital humano) e desenvolvimento local mediante a participação, o compromisso associativo e o trabalho em rede (capital social)” (MARIRRODRIGA, 2007, p. 181).

O perfil do egresso que pretendem os Centros de Formação Familiares por Alternância – CEFFA’s ou Escolas Famílias Agrícolas - EFA’s, é de um líder local que viva dignamente de seu trabalho e em seu território, um jovem capaz de empreender projetos que contribuam ao seu desenvolvimento pessoal e familiar, para conseguir assim o progresso de toda a comunidade.

### **Escolas Famílias Agrícolas**

As escolas que usam a Pedagogia da Alternância como metodologia de ensino são conhecidas como “Escola Família Agrícola” ou “Centros Familiares de Formação por Alternância”.

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Uma EFA é uma associação de famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar a problemática comum da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação, principalmente dos jovens, sem excluir os adultos.

O objetivo das EFA's é facilitar os meios e os instrumentos de formação, adequados ao crescimento dos educandos, estes constituindo os principais protagonistas da promoção e do desenvolvimento integral (profissional, intelectual, humano, social, econômico, ecológico, espiritual) e de todo o processo de formação.

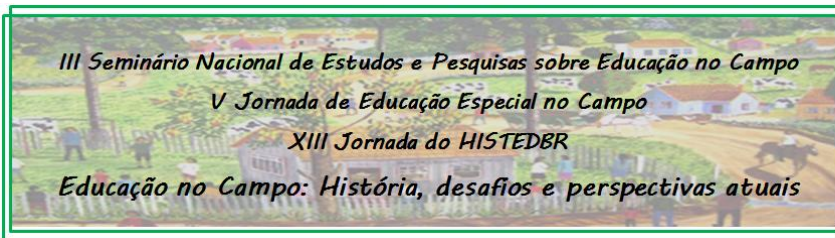
Devido às particularidades do ensino nessas escolas, são utilizados alguns instrumentos pedagógicos próprios da Pedagogia da Alternância, para garantir que o objetivo da formação seja cumprido. As equipes de trabalho das Escolas Famílias Agrícolas possuem funções específicas que vão além do ensino em sala de aula.

As atividades da escola são divididas nas formas de funções destinadas aos monitores integrantes da equipe de trabalho. Essas funções, em uma Escola Família Agrícola, são de cunho pedagógico, agropecuário e administrativo, e são todas distribuídas e realizadas por toda a equipe.

As atividades da escola são divididas nas formas de funções destinadas aos monitores (denominação dada aos docentes das EFA's) integrantes da equipe de trabalho. Essas funções, em uma Escola Família Agrícola, são de cunho pedagógico, agropecuário e administrativo, e são todas distribuídas e realizadas por toda a equipe.

Por isso, os integrantes da equipe de uma Escola Família Agrícola não podem ser considerados apenas professores, e nem ter seu trabalho contabilizado em "horas-aulas". Numa Escola Família, um monitor precisa dedicar-se no que diz respeito tanto às atividades de estudo e ensino, como em qualquer outra escola, mas, também precisa participar das atividades vivenciadas pelos estudantes durante a semana em que estão na escola, no sentido de orientá-los e ajudá-los a se organizar na vida em grupo longe da família.

"No cotidiano da vida, o alternante realiza aprendizagens espontâneas, informais e aleatórias ao contato do meio, das situações, das pessoas" (GIMONET, 2007, p. 141). As atividades do dia a dia da escola estão em torno dos estudos, da organização das tarefas, das refeições, do lazer e das atividades agropecuárias.



A Pedagogia da Alternância possui peculiaridades que vai exigir competências por parte dos educadores, perfis que fogem aos padrões formais desenvolvidos comumente na docência.

Segundo Gimonet (1998), a Pedagogia da Alternância, apresenta como uma de suas características uma ideia específica do educador e o processo de ensino, que se dá através de uma interação entre sujeitos de várias concepções. A alternância apresenta uma integração entre diversos fatores que influenciam no desenvolvimento e no papel do “monitor” como aquele que deve coordenar os diversos parceiros para que aconteça, de fato, uma formação contínua e integral do jovem.

O seguinte quadro a seguir mostra a diferenças entre o monitor de EFA e um professor convencional.

**Quadro 1.** Diferenças entre o professor tradicional e o monitor de EFA.

<b>Professor Convencional</b>	<b>Monitor de EFA</b>
Parte do Programa Oficial	Parte das necessidades e da experiência
Formação unificada	Formação personalizada
Centrado no ensino	Centrado na aprendizagem
Avaliação somativa	Avaliação formativa
Homogeneidade pretendida do grupo	Heterogeneidade valorizada e utilizada
Grupo como obstáculo	Grupo como recurso
Planificação estrita	Planificação flexível
Transmite seu saber	Acompanha o processo de autoformação

**Fonte:** Marirrodrgia (2010, p.101).

De acordo com Silva (2003), os monitores desenvolvem uma responsabilidade educativa de orientação e acompanhamento dos alunos nas vivências em grupo, que implica uma atuação em vários planos e funções, constituindo, desta forma uma identidade diferenciada dos demais docentes.





A Pedagogia da Alternância exige que o monitor tenha papéis e perfis descritos em estatutos próprios, com funções específicas para atividades que transcendem ao exercício de dar aulas e cumprir um programa.

Segundo Begnami (2003 p. 51-53), as funções do “monitor” se encontram definidas no Regimento Interno da EFA. Destaca quatro funções básicas essenciais: a) função de direção, articulação e animação; b) função educativa e formativa; c) função técnica; d) função pedagógica.

As funções de articulação e animação: possuem quatro aspectos fundamentais da vida da EFA, a saber: a animação da vida associativa; a articulação dos parceiros co-formadores; a animação e acompanhamento da vida de grupo e o acompanhamento das diferentes turmas.

As funções educativas e formativas envolvem uma dimensão de formação integral da pessoa humana. Formar atitudes, caráter, ajudar o aluno a encontrar-se, a construir sua identidade, sua autoestima, a sonhar com projetos de vida, a descobrir e cultivar valores humanos, a instrumentalizar-se no exercício da cidadania; a engajar-se em ações comunitárias e desenvolver o espírito de participação, de democracia, de solidariedade etc.

As funções técnicas dizem respeito aos conhecimentos no campo profissional com os quais os jovens estão sendo confrontados. Por isso a maturidade e a experiência profissional de um Monitor são requisitos básicos para um bom desempenho nos aspectos da orientação profissional e acompanhamento dos projetos de vida dos alunos.

As funções pedagógicas se referem às competências no uso dos instrumentos pedagógicos específicos da alternância e outros tantos que se fazem necessários para otimizar as aprendizagens. No fazer pedagógico do dia a dia o Monitor está comprometido a saber utilizar um conjunto de instrumentos e desenvolver uma série de atividades.

A profissão de monitor vai além da sala de aula, é mais que uma função, é estar vivendo o real, é acompanhar o jovem, é ser o facilitador não totalmente mais que leve o jovem ao um caminho que o leve a obtenção de conhecimento. Conhecimento esse que



deve transformar as pessoas para que possa sempre buscar o desenvolvimento sustentável e solidário.

Begnami (2003, p.54) ressalta que, “o monitor acaba se envolvendo profissional, política e afetivamente na proposta misturando profissão e militância”. Portanto, é uma das condições para ser Monitor, gostar e saber trabalhar em parceria num coletivo, numa ação de complementaridade.

### **Escola Família Agrícola do Pacui**

O surgimento das Escolas Famílias Agrícolas no Estado do Amapá envolveu diversos atores que se organizaram para concretizar o sonho de uma educação melhor no campo. Em 1983, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá-SINTRA, junto com a diocese local iniciou uma discussão buscando uma alternativa para aprimorar a educação no campo (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

Ao tomar conhecimento das Escolas Família Agrícolas do Espírito Santo, o sindicato patrocinou alguns voluntários para conhecer a experiência que já se consolidava naquela região. No final do ano de 1983, o Padre Angelo Da Maren, articulou uma parceria com a organização italiana AAES (Associação dos Amigos do Espírito Santo), que, por meio de recursos advindos do governo italiano, tinha o objetivo de implementar projetos sociais em países sul americanos (SOUZA, 2003).

Em 1985, após enfrentar resistência do governo militar da época, foi assinado um convênio entre a AAES e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais para construção e manutenção por cinco anos de três Escolas Famílias Agrícolas (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

O convênio incluiu também a vinda de voluntários italianos que iniciaram as atividades de construção das escolas em 1988 com apoio das comunidades que se organizavam em forma de associação por meio de mutirões. As lideranças comunitárias tiveram importante papel na mobilização destas para garantir a continuidade do projeto.

A Escola Família Agrícola do Pacui, localizada na comunidade de São Joaquim do Pacui, na Rodovia Macapá/Cútias, iniciou suas atividades em janeiro de 1989, com o voluntariado de padres italianos, ministrando “um curso informal de suplência de 1º

grau com algumas atividades paralelas em agropecuária”, tendo como mantenedora a Associação das Famílias da Escola Família Agrícola da Região do Pacuí – AFEFARP, entidade sem fins lucrativos que sobrevive com os recursos dos próprios associados e recursos financeiros provenientes de convênios (SOUZA, 2003; NASCIMENTO, 2005).

Figura 1- Escola Família Agrícola do Pacuí.



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

A exemplo da experiência ocorrida no Espírito Santo onde foi o início das EFA no Brasil, no Amapá em São Joaquim do Pacuí a iniciativa também ficou na responsabilidade de um grupo de voluntários, em colaboração com a Diocese e a ONG italiana – AES, resolveram implantar uma Escola Família Agrícola em plena região amazônica (SOUZA, 2003).

A Escola Família Agrícola do Pacuí teve como primeiro objetivo atender à clientela estudantil do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) em seguida o Ensino Médio



na modalidade Educação Profissional em Técnico Agropecuário na forma concomitante, e mais tarde se iniciou o Curso de Técnico em Agropecuária na forma subsequente.

Logo no início da década de 1990 outros dois importantes nomes se envolvem com o projeto, os religiosos Alessandro e Maria José Rigamonti, que retornavam de Manaus, onde já trabalhavam com pedagogia da alternância, foram convidados como voluntários pela AAES, para auxiliar o desenvolvimento das EFA's no Amapá (SOUZA, 2003).

Ambos tiveram importante papel para a consolidação e reconhecimento das escolas, e buscaram parcerias com órgãos nas três esferas de governo. Além disso, conseguiram, frente ao Conselho Estadual de Educação e ao MEC, o reconhecimento dos cursos e o firmamento de convênio com o governo do Estado do Amapá, para repasse de recursos para manutenção da escola, pagamento de salários e alimentação, que antes era feito pelas famílias, sendo este contemplado em uma lei aprovada em 2005.

Apenas o Amapá, Espírito Santo e Minas Gerais possuem leis estaduais para o seu funcionamento e convênios assinados com os respectivos governos estaduais para a manutenção das escolas família sendo que nos outros estados, estas são mantidas pelas prefeituras (NOSELLA, 2012). Contudo, muitas vezes a liberação do recurso é repassada atrasada, o que prejudica as atividades das escolas que deixam de pagar professores e fornecedores e, muitas vezes, são forçadas a dispensar os alunos antecipadamente para o período da alternância pela incapacidade financeira de mantê-los na escola (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

Em 2000, com apoio da Comissão Pastoral da Terra, foi criada a Rede das Escolas Família do Amapá (RAEFAP), uma matriz para coordenação e distribuição de recursos entre as EFA's. A Rede se tornou um importante instrumento político e busca articulação com o governo, por meio de parcerias com diversos ministérios como o da Educação e o do Desenvolvimento Agrário. Já as parcerias com a iniciativa privada ainda são muito tímidas.

O Estado do Amapá possui, atualmente, seis EFA's, a saber: no município de Macapá encontra-se a Escola Família Agrícola do Pacuí-EFAP, no município de Pedra



Branca do Amapará a Escola Família Agrícola da Perimetral Norte-EFAPEN, no município de Mazagão a Escola Família Agroextrativista do Carvão-EFAC e a Escola Agroextrativista do Maracá- EFAEXMA, no município de Tartarugalzinho a Escola Família Agroextrativista do Cedro-EFACEE e no município de Itaubal a Escola Família Ecológica do Macacoari-EFAM.

A Escola Família Agrícola do Pacui, foi a primeira EFA criada no estado do Amapá em 1989. A segunda EFA criada foi a Escola Família Agrícola da Perimetral Norte, fundada em 1990, está localizada no centro oeste do estado do Amapá no município de Pedra Branca do Amapari, na rodovia Perimetral Norte, BR 210, km 167.

A terceira EFA criada foi Escola Família Agroextrativista do Carvão, fundada em abril de 1997, está localizada no sul do Amapá no município de Mazagão, distrito do Carvão. A quarta EFA criada foi a Escola Família Agroextrativista do Maracá-EFAEXMA, fundada em março de 2000, esta localizada no Sul do Amapá no município de Mazagão, distrito de Maracá/Jari, km 130.

A quinta EFA criada foi a Escola Família Agroextrativista do Cedro, foi fundada em março de 2003, localiza-se no território dos lagos no assentamento do Cedro. A sexta EFA criada foi a Escola Família Agroecológica do Macacoari, fundada 14 de junho de 2014, está localizada na foz do rio Macacoari no município de Itaubal.

No caso deste estudo nos propomos a investigar a Escola Família Agrícola do Pacui, que possui uma área de 86 hectares e desde a sua fundação já atendeu 1.630 jovens, em sua maioria filhos de agricultores.

Atualmente atende 166 estudantes do ensino médio de ambos os sexos, destes 150 fazem o curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária concomitante com ensino médio e 16 cursam na forma subsequente, os alunos possuem idades que variam entre 13 e 30 anos. Os alunos são oriundos de 03 estados da Região Norte: Amapá, Pará e Mato Grosso (NEVES, 2015).



**Figura 2-** Alunos da EFAP em atividade.



**Fonte:** Arquivo pessoal (2014).

O ingresso na escola é realizado por meio de indicação, onde o aluno passa por um período de adaptação de quinze dias para conhecer a realidade da EFAP, que possui um regimento bastante rigoroso e uma rotina alternada entre aulas, atividade em campo e socialização (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

Outras condições básicas para estudar na EFAP são as necessidades da família ser proprietária agrícola, para poder o aluno implementar seus conhecimentos no período de alternância que é de quatro semanas na escola e duas semanas na propriedade familiar, e os pais também devem fazer parte da associação.

Para ingressar na Associação das Famílias da Escola Família Agrícola da região do Pacui, a família deve ser produtora rural, ser indicada e passar por um período de aprovação de seis meses, onde o associado pagara uma taxa simbólica anual de vinte e cinco quilos de farinha e cento e cinquenta reais (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

Além disso, uma vez por ano, cada aluno deve trazer uma ferramenta de trabalho no campo para uso na EFAP. Os pais ainda possuem participação ativa nas atividades da escola e são obrigados a realizar cinco plantões de vinte e quatro horas ao longo do ano.

A escola possui um sistema de avaliação contínua, onde os instrumentos de avaliação utilizados são: caderno de realidade, onde o aluno relata sua vida na escola e na propriedade familiar; provas convencionais; visita dos professores nas propriedades, no mínimo duas vezes por ano; e os planos de estudo, tarefa realizada no período de alternância (EFAP, 2000).

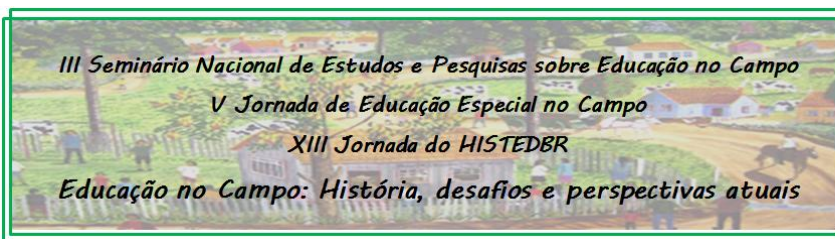
Além das aulas regulares, os alunos realizam à prática de campo em vinte e dois laboratórios que de forma alternada. Os laboratórios incluem tanto práticas de agricultura como manejo de animais tais como: animais silvestres, apicultura, ovinocultura, fruticultura, plantas medicinais, produção de mudas entre outros. A produção da escola é utilizada para consumo próprio e o excedente é vendido (ALVES; JUZWIA; NATALI, 2010).

**Figura:** Alunos em atividades nos laboratórios.



**Fonte:** Arquivo pessoal (2014).

A maioria dos alunos matriculados são oriundos de escolas públicas do estado do Amapá, mas também a EFAP atende à comunidades bastante distantes, como por exemplo do estado do Pará mais especificamente da região do Marajó e da região da Rodovia Transamazônica. Alguns desses alunos foram adotados por famílias da região para que possam estudar na EFAP, retornando apenas uma vez por ano para suas casas.



## **Considerações Finais**

A contribuição que a Pedagogia da Alternância proporciona ao homem do campo por meio das Escolas Famílias Agrícolas é de fundamental importância, pois possibilita aos filhos dos agricultores, aliamos períodos de trabalhos nas propriedades e de estudo na EFA, fazendo com que os alunos permaneçam junto à família e possam dar continuidade a sua formação.

A Escola Família Agrícola do Pacui, atende jovens adolescentes da região de São Joaquim do Pacui, no Amapá e funciona no sistema de ensino do internato e da alternância devidos os alunos passarem 15 dias na escola e 15 dias com as famílias, transmitindo os novos conhecimentos. A Escola é um modelo de educação permanente que envolve alunos, professores, pais e comunidade no processo de ensino-aprendizagem. Integrada à comunidade rural, ela associa teoria e prática na formação dos alunos.

Os filhos, aprendem e repassam para a produção dos pais novas técnicas agrícolas adaptadas à região e às condições financeiras do pequeno produtor, incentivando também o cultivo alternado de novas culturas, como a fruticultura, mais lucrativa que a mandioca. Dessa forma, evita-se o êxodo rural, já que meninos e meninas não precisam ir para as cidades com a finalidade de continuar os estudos, e se qualifica a população local, proporcionando um desenvolvimento sustentável.

O sucesso da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola do Pacui dá-se pelo envolvimento das famílias, comunidades e ex-alunos nas atividades que ela desenvolve, a fim de buscar a melhoria da qualidade de vida dos alunos da zona rural do estado do Amapá.

Portanto, afirmamos que a Pedagogia da Alternância utilizada na Escola Família Agrícola do Pacui, contribui efetivamente para a melhoria da qualidade de vida dos alunos, da família e da comunidade em que estão inseridos.





## Referências

ALVES, Maria Abadia; JUZWIAK, Aleksander Ridel; NATALI, Leonardo Mello. **Projeto Conexão Local: Escolas Famílias Agrícolas e Agroextrativistas do Amapá.** Relatório Final - EMBRAPA, Macapá, 2010.

BEGNAMI, João Batista. **Uma geografia da pedagogia da alternância no Brasil:** Brasília: Cidade, 2004. (Unefab Documento Pedagógico).

\_\_\_\_\_. **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias.** Um Estudo Intensivo dos Processos Formativos de cinco Monitores 2003. 319p. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação Universidade Nova De Lisboa – Portugal.

CORDEIRO, N. K. Georgina; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

EFAP. Escola Família Agrícola do Pacui. **Projeto Político Pedagógico da Escola Família Agrícola do Pacui.** Macapá, 2000.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS.** tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Perfil, estatuto e funções dos monitores. In: **Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento.** I Seminário Internacional, Salvador 03 a 05 de novembro de 1999. p 124-131.

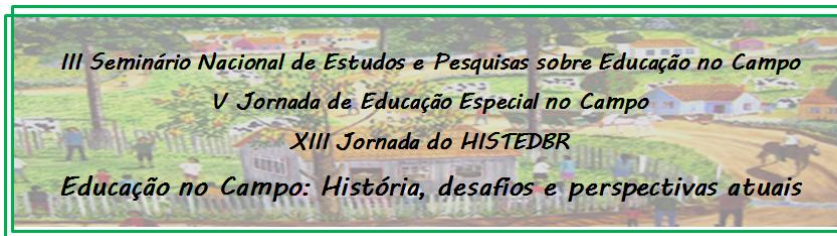
\_\_\_\_\_. A alternância na formação: Método pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das MFRs, in “**Alternance, Développement Personnel et Local**”, Demol Jean-Noël et Pilon Jean-Marc, coordinateurs, l’Harmattan, Paris (tradução Thierry De Burghgrav), 1998.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

MARIRRODRIGA, Roberto Garcia; CALVÓ, Pedro Puig. **Formación em alternancia y desarrollo local: el movimiento educativo de los CEFFA em el mundo.** Argentina: Colección AIDEFA, 2007.

MELÔNIO, Ana Paula Nunes; RAMOS, Rayane Sarges. **Instrumentos da Pedagogia da Alternância: Visita as Famílias.** TCC, Curso Licenciatura em Ciências Agrárias, Universidade do Estado do Amapá-UEAP, Macapá, 2015.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



NASCIMENTO, Ana Lídia Cardoso do. **Escolas Famílias Agrícolas e Agroextrativismo do Estado do Amapá:** práticas e significados. Dissertação de Mestrado do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, Belém, 2005.

NEVES, Bruna Picanço. **Atuação do monitor (a) na Pedagogia da Alternância:** Um estudo na Escola Família Agrícola - EFA do Pacuí, no Amapá. TCC, Curso Licenciatura em Ciências Agrárias, Universidade do Estado do Amapá-UEAP, Macapá, 2015.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo:** origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

RODRIGUES, D. S; FRANÇA, M. P. S. G. S. A. Uso do documento em pesquisa sócio-histórica. In: MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E. et al (org). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.** Belém: EDUEPA, 2010.

SOUZA, Hildete Margarida de. **Processo de Construção do Projeto Político Pedagógico:** um estudo na EFA do Pacui. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova Lisboa, Portugal. Mestrado Internacional em Educação, Lisboa, 2003.

UNEFAB, União Nacional das Escolas Famílias do Brasil. **Pilares da Pedagogia da Alternância.** Disponível em: [http://www.unefab.org.br/p/efas\\_3936.html#.VY4Oc\\_IVjkY](http://www.unefab.org.br/p/efas_3936.html#.VY4Oc_IVjkY). Acesso em: 03 fev. 2015.